

© dessa edição cedido por Adail Ivan de Lemos para Cinara Ferreira, 2017

Capa:

Thiara Speth

Arte final da capa:

Cristiano Marques

Diagramação:

Niura Fernanda Souza

Revisão:

Peter Pellens

Colaboradoras de revisão:

Vanda Bortolini, Ivanete Mileski, Maria Cristina Müller da Silva

Organização:

Cinara Ferreira

Editores:

Carmen Silvia Presotto (Vidrágua)

e Rafael Martins Trombetta (Liquidbook)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
CIP-Brasil. Catalogação na fonte

L318 Lara de Lemos: poesia completa / Organização Cinara Ferreira. – Porto Alegre: Liquidbook: Vidrágua, 2017.
272 p.; 23 cm. – (Coleção Vivas Memórias Poéticas; v. 104)

ISBN: 978-85-61797-23

1. Literatura. 2. Poesia. I. Ferreira, Cinara. II. Título.

CDU: 82-1



Vidrágua

Liquidbook 

SUMÁRIO

Não às palavras arredias | 13
Lara de lemos: Síntese biobibliográfica | 27

POÇO DAS ÁGUAS VIVAS (1957) | 31

Poema | 32
Crina branca | 32
Balada ao menino doente | 33
Difícil | 33
Soneto | 34
Um nome | 34
Poemazinho do não | 35
Poema à amiga Luísa | 35
Depois que morrem os dias | 36
Impaciência | 36
Eu me queria morta | 36
Criança | 37
Prisioneira | 37
Passeio | 37
Silêncio | 38
Aos irmãos adivinhados | 38
Inaudível | 39
Quando um dia | 39
Memória | 40
Bastar-me-ia um lírio | 40
Mensagem | 40
Encontro | 41
Canção de medo na tarde | 41
Apelo ao refratário instante | 42
Carta impossível | 42
Restituição | 43
Quero-me inteira | 43
Poema quase carta | 44
Poema do não-amor | 44
Poema do amor inútil | 45
Do sonho necessário | 45
Fuga | 45
Da impossível serenidade | 46
Depois | 46
Poema do insolúvel | 47
Os mágicos | 47
Inverno | 48
Na imensa noite | 48
Canção humilde | 49
Namorada | 49
Fiquei na distância de tudo | 49
Poema ao homem passando | 50

Canção do “era uma vez” | 50
O poeta responde à vida | 51
Já passei por mil estradas | 51
Menininho inválido | 52
Ladainha a nossa senhora da timidez | 52
Do momento intransponível | 53
Poema para a ausente | 53

CANTO BREVE (1962) | 55

Toada | 56
Só | 56
Verbo conjugado | 57
Rosa-morte | 57
Uma carta | 58
Do acontecido | 58
Passa o rio, passa a voz | 58
Canção para dia de chuva | 59
Aranha | 59
Da espera | 60
Para um menino | 60
Com jeito de hai-kai | 60
Do amor | 61
Cantiga do pressentir | 61
Cântaro partido | 62
Canção de pular na corda | 62
Demasiado lírico | 63
Cantiga de São Francisco | 63
Domicílio | 64
Canto breve | 64
Poema em dois tempos | 65
História antiga | 65
À maneira do eclesiaste | 66
Carta para o mar | 66
Modinha | 67
Terra deserta | 67
Beira-mar | 68

Do irreversível | 69

I | 70
II | 70
III | 70
IV | 71
V | 71
VI | 71
VII | 72

Compasso de esperança | 73

Poema para o mundo | 74
Aleluia | 75
Protesto quase elegia | 75
Missão do homem | 76
Canto para uma cidade | 76
Hora avessa | 77
Resposta para José | 78

AURA AMARA (1969) | 79

Do homem | 80
Do homem | 81
Canto lunado | 81
O acidente | 82
Pavana | 82
Jogo | 83
Poema do amor demais | 83
Simples canção de natal | 84
Regresso | 84
Pequena ode de amor | 85
Elegia | 85
Do amor | 86
Poema em sete versos | 86

Do mundo | 87

Nesse reino escuro | 88
Canto inútil | 88
Vinte anos de Hiroshima | 89
Carta a são domingos | 90
Poema para um súbito amigo | 90
Anticção para o negrinho do
pastoreio | 91

Beira-mar | 91

I | 93
II | 93
III | 93
Operação-esperança | 94

Tentativa de ofício (i) | 95

Ofício | 96
Do tempo | 96
Em trânsito | 96
Canção do amanhã | 97
Pesca de arremesso | 97

Tentativa de ofício (ii) | 98

Poema de múltipla escolha | 99
Aos tranquilos | 100
Reza para comício | 101
Nota da organizadora | 102

PARA UM REI SURDO (1973) | 103

A tartaruga | 104
Inventário | 104
Poluição | 105
Percurso | 105
Amor/ódio | 106
A teia | 106
Dromedário | 107
Memória | 107
Claroescuro | 108
Pra que, doutor? | 108
7 fôlegos | 108
Ritornelo da pedra (ou da perda) | 109
Isaías | 109
Caleidoscópio | 110
Rei morto, rei posto | 110
Telegr/amor | 111
Egocentrismo | 111
Ouvir pássaros | 111
Pergunta a penélope | 111
Pluripalavra | 112
O irmão | 112
Exame clínico | 113
Estatura humana | 113

Poemas experimentais | 114

SOS | 115

ADAGA LAVRADA (1981) | 117

Sete cantos do exílio | 118

Tempo submerso | 119
Campos da infância | 119
Os idiomas do berço | 120
Das vindimas | 120
O pão nosso | 121
Preghiere | 121
Herança | 122

Anti-canto | 123

Périplo | 124
Degredo | 124
Caçada | 124
Simples investigação | 125
Carta a quem de direito | 125
Getsêmani | 126
Ex-homem | 126
Cumpre tua hora | 127
Tempo de deserto | 127

Adaga lavrada | 128

Uma data | 129
Da angústia | 129

Cegos | 129
Saber da morte | 129
Escopo | 130
Hard poem | 130
Enigma | 131
Centopeia | 131
Restos de um homem | 132
Da solidão | 132
Só muito tarde | 132
Legado | 132
Do poema | 133
Do amanhecer | 133
Noturno | 133
Dos poetas | 133
Para um tigre | 134
Mambembe | 134
Ao jeito do Vinícius | 134
Setenta anos do poeta | 134
Não sei quando | 135
O poeta e a palavra | 135
Ao servo dos negócios | 135
Despedida | 135
Memórias | 136
Apelo a um pássaro | 136
Matura idade | 136
Trajetória | 136
Retratos | 137
Da existência enganosa | 137
Da solidão exata | 137
Passo a passo | 138
Natal | 138
Penélope | 139
Finale | 139
Sósia | 139
Edital de amanhã | 140
Vida não vivida | 140
Conta corrente | 141

PALAVRAVARA (1986) | 143

I – Armadilhas | 144

Do exílio voluntário | 145
Poema dialético | 145
Receitas para morrer | 146
Passado | 146
Amulher de lot | 146
Armadilhas | 147
Condição de jó | 148
Para winnie mandela | 149
Condição de poeta | 149
Do pássaro | 149
Do milagre forjado | 149
Recado | 150

Do poema | 150
Erótica | 150
Amor pelo “sistema braille” | 151
Repercussão do poema | 151
Urdidura do canto | 151
Pequena canção do desamor | 151
Para um amigo | 152
Do amor necessário | 152
Do instante imprevisível | 152
Paisagem de inverno | 152
Perguntas ao filho pródigo | 153
Níobe | 153
Bird of youth | 153
Estranha ciranda | 154
Jardim inútil | 154
Ex-bailarina | 154
Entardecer | 154
O incendiário | 155
Para um arcanjo | 155
Manhã soturna | 155
Gato, coração escuro | 156
Fogo-fátuo | 156
Gaivota | 157
Reencontro | 157
Retorno | 158
Da alegria | 158
Esgrima | 158
Inquilina do abandono | 158
Ave, princesa | 159
A romã | 159
Desmemória | 159
Caramujo | 160
“vana vita” | 160
Permanência | 160

II – Sete sonetos inexatos | 161

I | 162
II | 162
III | 162
IV | 162
V | 163
VI | 163
VII | 163

III – Palavravara | 164

Por quê? | 165
Rapsódia brasileira | 165
Equilibrista | 166
Poema paranoide | 166
Sangue latino | 167
Tempo do demo | 167
Cantinelas nordestinas | 168

Solitude sem par | 168
Ama teu próximo... Etc | 168
Animal político | 169
Mundo capitalista | 169
Recado para um poeta artesanal | 169
Vidafora | 169
Mensagem laudatória | 170
Palavravara | 170

HAI - KAIS (1989) | 171

ÁGUAS DA MEMÓRIA (1990) | 177

I | 178
II | 178
III | 178
IV | 178
V | 179
VI | 179
VII | 179
VIII | 179
IX | 180
X | 180

Matérias de sonho | 181

Ao deus dos sonhos | 182
I | 182
II | 182
III | 182

Face oculta | 183

Poesia | 184
Alquimia | 184
Da poesia | 184
Breve verão, breve cigarra | 184
Vida | 185
Carpe diem | 185
Cilada | 185
Canto inútil | 185
As quatro estações | 186

Outonal | 187

“Par delicatessa” | 188
Do esquecimento | 188
Corpo a corpo | 188
Dádiva | 188
Outonal | 189
Périplo fatal | 189
Jogo | 189
Da morte provisória | 189
Achados e perdidos | 190
Do transitório | 190
Do poeta | 190

DIVIDENDOS DO TEMPO (1995) | 191

Cadernos de retorno | 192

In absentia | 193
Aos imigrantes | 193
Ex cadere | 193
Clepsidra | 193
O tempo e seus cascos | 194
Pedra no lago | 194
Reminiscências | 194
O sono dos sonhos (i) | 195
Do sono dos sonhos (ii) | 195
Herança | 195
Falsa identidade | 195
Auto-retrato | 196
Desnorte | 196
Do que passou | 196
Mariposa | 196
Peregrinatio | 197
Itinerário do poeta | 197
Haikai | 197
À maneira de Sara Teasdale | 197
Legado: uma cidade | 198
Soneto do mar ausente | 198

Lavratura | 199

Dos andaimes do verso | 200
Desmistificação do poema | 200
Para fazer um poema | 201
Do ardis do tempo | 201
Modus moriendi | 201
Soneto incerto | 202
Horóscopo | 203
Do malogro | 203
Visita ao surrealismo | 204
Vida | 204
Fragmento de um soneto a Gregório de
Mattos | 204

Do amor vivido | 205

Clarividência | 206
Desencontro | 206
O sócia | 207
Ausência | 207
Da alegria essencial | 207
Para um anjo | 207
Poeminha barroco | 208
Dos perigos do dia | 208

INVENTÁRIO DO MEDO (1997) | 209

I – Invasão de domicílio | 210

De súbito é o susto | 211
De que serve a palavra | 211

Um dia, de repente | 211

II – Tempo de inquisição | 212

Dos inquisidores | 213

Da investigação | 213

Privação de direitos | 213

Da tortura | 214

Fomos ungidos | 214

Da resistência | 214

III – Celas | 215

Celas – 1 | 216

Celas – 2 | 216

Celas – 3 | 216

Celas – 4 | 216

Celas – 5 | 217

Celas – 6 | 217

Celas – 7 | 217

Celas – 8 | 217

Celas – 9 | 218

Celas – 10 | 218

Celas – 11 | 218

Celas – 12 | 218

Celas – 13 | 219

Celas – 14 | 219

Celas – 15 | 219

Celas – 16 | 219

Celas – 17 | 220

Celas – 18 | 220

Celas – 19 | 220

Celas – 20 | 220

Celas – 21 | 221

Celas – 22 | 221

Celas – 23 | 221

Celas – 24 | 221

IV – Reminiscências | 222

Para que no haya olvido | 223

Canto sombrio | 223

Indagações a uma menina | 223

Balada del guerrilheiro | 224

Cantinelas tristes | 224

Caçada | 225

Do malogro | 225

Receita de herói | 225

Tempo malsinado | 225

PASSO EM FALSO (2006) | 227

Poemas esparsos (1999-2000) | 228

Destino | 229

A pedra | 229

Último pedido | 229

Pedem-me asas | 229

Oração | 230

Viver | 230

Estranha viagem | 230

Corpo esquecido | 230

O que sobrou | 230

Tarde de verão | 230

Se por acaso | 231

O que resta | 231

Ressureição | 231

Tempo de espera | 231

Haicais | 232

Viver | 232

Vida breve | 232

No espelho | 232

A casa da vó | 233

Do tempo | 233

Alquimia do verbo | 233

Do ser | 233

Do silêncio | 233

Meu coração | 233

Do corpo | 234

Anunciação | 234

Haicais | 234

Ao redor | 234

Sob pena de morte | 234

Do tempo | 235

Areias movediças | 235

Entranhas | 235

Balanço | 235

Poemas esquecidos (2001-2002) | 236

Da gula do tempo | 237

Remota noite | 237

Provisório | 237

Arte | 237

O real | 238

O desejo | 238

Sonetinho triste | 238

Neblina | 238

Do desassossego | 239

Minha esperança | 239

Dia e noite | 239

Noite amarga | 239

Limites | 239

Quem? | 240

Naufrágio no Guaíba | 240

Haicai | 240

Finitude | 240

Inércia | 240

No mar imenso | 241

Interrogação | 241

Treva e espanto | 241
Hora vazia | 241
No fim | 241
Este obscuro poema | 241
Aceitação | 242
Ermo | 242
Ador | 242
Para mim | 242
A equilibrista | 243
Quietude | 243
Tercetos | 243
Nada | 244
Vidraças | 244
De um amor | 244
Outono | 244
Viagem | 245
Do exílio | 245
Da morte | 245
Pouco | 246
Noite | 246
Ofício | 246
Lembrança | 246
Pela estrada | 246
Pássaro exilado | 246
Do tempo | 247
Haicai | 247
Tarde de agosto | 247
Da morte | 247
Do fim | 248
Para um amigo | 248
Cada um | 248
Haicais | 248

Poemas perdidos (2003-2005) | 249

De um sonho | 250
Final | 250
Agosto | 250
Irremediável | 250
Sem escolha | 251
Da morte | 251
Arte de perder | 251
Outono | 251
Noturno | 251
Morte | 252
Sobras | 252

PARTICIPAÇÕES | 25 3

Anto revista semestral de cultura (1998)
| 254

Cantinelas | 255
Magia | 255

Antologia da poesia brasileira (2001) | 256

Um dia, de repente | 257
De pronto, un día | 257
Celas – 1 | 257
Celdas – 1 | 257
Celas – 6 | 258
Celdas – 6 | 258
Celas – 11 | 258
Celdas – 11 | 258

Antologia do sul (2001) | 259

Desnorte | 260
Da alegria essencial | 260
Modus moriendi | 260

Roteiro da poesia brasileira anos 50 (2001)
| 261

Poema do insolúvel | 262
Da solidão exata | 262
Soneto incerto | 262

Poesia sempre china (2007) | 263

Soneto | 264
Minha casa | 264
Último poema | 264

Carneviva – 1ª antologia brasileira de
poemas eróticos (1984) | 265

Para um tigre | 266
Salamandra | 266

Antologia da poesia brasileira contem-
porânea (1986) | 267

Passa o rio, passa a voz | 268
Domicílio | 268
Poema do insolúvel | 269
Do acontecido | 269
Getsêmani | 269
Matura idade | 270
Dos poetas | 270
Da existência enganosa | 270

NÃO ÀS PALAVRAS ARREDIAS

Buscar a verdade.
Penetrá-la como gema
no oco do ovo.

Lara de Lemos,
de Hai-kais (1989)

No final dos anos 1990, li pela primeira vez um poema de Lara de Lemos, cuja cintilação perdurou em minha sensibilidade por muito tempo. Na ocasião, não desconfieei que aquele primeiro encontro com sua poesia seria a centelha de um projeto maior. Anos mais tarde, quando dava aulas de Literatura e gênero no Rio Grande do Sul¹, a centelha veio a lume em uma conversa com o professor Flávio Loureiro Chaves, um entusiasmado apreciador da poesia de Lara de Lemos. Por identificar a necessidade de divulgar a obra da poeta gaúcha, passei a olhar mais de perto para a sua produção, o que rendeu o estudo *O íntimo e o público na obra de Lara de Lemos*, realizado sob a apurada supervisão da professora Luiza Lobo². A partir desse trabalho, desenvolvi dois projetos de pesquisa³, surgindo a oportunidade rara em 2009 de conhecer pessoalmente a escritora e entrevistá-la em seu apartamento no bairro Botafogo, no Rio de Janeiro/RJ⁴.

O encontro pessoal com Lara de Lemos constituiu o momento ímpar e luminoso de confirmar na pessoa a verdade contida em sua poesia. Na ocasião, conversamos sobre sua vida, seus poemas, a criação de um acervo⁵ e a organização desta obra, que se realizou para atender o desejo expresso da autora. **Lara de**

¹ Disciplina ministrada no Mestrado do PPG em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul em 2007.

² Trabalho de Pós-doutorado realizado no PPG em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³ Projetos desenvolvidos na Universidade de Caxias do Sul e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Entrevista realizada em 14 de janeiro de 2009.

⁵ Criado em 2009 com o apoio da Professora Maria Eunice Moreira, o acervo de Lara de Lemos encontra-se no DELFOS - Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Lemos – Poesia completa⁶ é o resultado de uma série de felizes encontros com a poeta e sua poesia, publicada entre 1957 e 2006. Aqui estão reunidos em ordem cronológica todos os livros de poesia da autora e alguns poemas de antologias. Os textos publicados em *Amálgama* (1974), obra que reúne seus primeiros quatro títulos, foram escolhidos como base para esta edição.

Com poemas alinhados tanto às formas clássicas da lírica quanto ao verso livre modernista, a autora experimenta também a estética de vanguarda dos anos 1970, mostrando-se aberta a praticar a linguagem poética em suas múltiplas potencialidades. Sua obra abarca temas que vão desde o sentido da existência, o amor e suas contradições, as injustiças sociais, as agruras do fazer poético até chegar aos meandros da memória individual e coletiva dos anos de chumbo no Brasil.

A leitura da poesia da escritora gaúcha logo revela que estamos diante de uma poeta moderna e com evidentes ressonâncias na atualidade. Isso se dá porque a autora fala de seu tempo com uma profunda consciência das contradições que definem nosso estar no mundo. Embora *Poço das águas vivas* (1957), o livro de estreia, seja considerado pela própria autora⁷ como uma obra que se volta para o eu, o mundo já se apresenta ali como um elemento importante na definição dos sentimentos do sujeito lírico. A preocupação com o humano e a precariedade da vida é representada desde o início.

Em seu percurso, Lara de Lemos afirma-se como poeta de grande expressão ao conciliar lirismo e representação social, mostrando-se precursora de uma escrita de mulheres voltada às questões sociais e políticas, da qual se considera a poeta gaúcha uma das representantes brasileiras mais importantes. Se, por um lado, a autora se destaca por desenvolver uma dicção voltada ao social, por outro, não deixa de erigir um lirismo profundo e próximo do realizado por Cecília Meireles, como em “Canto breve”, do livro homônimo, em que aborda o amor e o caráter transitório da existência:

Ouve em silêncio meu canto breve
e não perguntes se voltarei.
Voltam as nuvens? Retorna o vento?
Em puro-nada me tornarei.

⁶ O projeto de publicação da obra foi acolhido imediatamente por Carlos Jorge Appel, cujo apoio foi imprescindível para sua concretização. Também fundamental foi a parceria com os poetas e editores Carmen Sílvia Pressotto e Rafael Trombetta.

⁷ LARA DE LEMOS. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1987 (Autores Gaúchos, 14). p. 6.

Dá-me teus ócios, tua clara infância:
velhos segredos desfolharei.
Seremos relva, seremos dança,
serei alteza, tu serás rei.

Teremos sóis, teremos luas
e muitas terras que inventarei.
Velejaremos antigas lendas
serás o barco, água serei.
Seremos dois (nada é tão belo)
em mil futuros te sonharei.
Mas não me queiras moinho ou pedra.
Em puro-nada me tornarei.

Com imagens contrastantes, o poema sinaliza a tensão entre o desejo de um amor perene e o anseio de liberdade do sujeito poético. O desenvolvimento de tal contradição no gênero lírico é responsável pela riqueza do texto, que mostra o quanto Lara de Lemos é moderna. Pontuando sua modernidade, Maria da Glória Bordini ressalta o viés socialmente emancipatório de sua poesia,⁸ o que a aproxima de autores brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, com os quais não só dialogava poeticamente, como mantinha contato pessoal.⁹

Apontada pela crítica como uma obra que evolui do subjetivo para o social, *Canto breve* (1962) anuncia a mudança de perspectiva, em “Do acontecido”, um dos primeiros poemas do livro:

Não mais a mesma flor
ou a mesma água
que outros são os olhos
e outra é a sede.

Diante de acontecimentos históricos como a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, o eu lírico de *Canto breve* vê-se impelido a falar a um mundo onde prevalece a degradação do humano. Ao equiparar a voz poética à voz dos puros

⁸ BORDINI, Maria da Glória. Ofício poético com inteligência e paixão. In: LARA DE LEMOS. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1987 (Autores Gaúchos, 14). p. 27.

⁹ No Acervo Lara de Lemos no DELFOS, é possível localizar a correspondência da autora com escritores de seu tempo.

e sofredores, a autora reforça a função social da literatura, em consonância com as reflexões de Theodor Adorno, para quem a obra de arte tem sua grandeza unicamente em deixar falar aquilo que a ideologia esconde.¹⁰ A literatura de Lara de Lemos, nesse sentido, deixa falar sobre os descompassos da vida em sociedade e sobre a ausência de perspectiva de futuro, sensação típica dos anos pós-guerra, como se observa em “Do homem”:

Foi forjado no sal
no bem, ou quem sabe
no mal, o teu destino.

O que vives não queres
nem te é dado viver
o que tu queres.

A memória é caminho
ou, talvez um castigo
ido, tido.

O futuro um deserto
imenso, grave,
certo.

A afirmação do papel social da literatura, entretanto, não se dá sem conflitos. Em “Poema do amor demais”, de *Aura amara* (1969), o eu lírico manifesta sua dor pela falta de respostas ao seu poema:

Que faço do meu poema
recado para ninguém?

Que faço dessa canção
nos limites do caminho
esquife, cal, terra, chão?

¹⁰ ADORNO, Theodor. Discurso sobre lírica e sociedade. In: BENJAMIN, Walter et al. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 195.

Que faço do voo cego
dessa fúria
dessa sanha
de abraçar o inabráçável
e transcender o meu ontem?

(Amar é transbordar
é transgredir
é ampliar-se
até as imprevisíveis fronteiras
do homem.)

Que faço, por deus, que faço
dessa dor do muito?

Se, antes, o poema servia para falar ao mundo, agora, ele se mostra inaudível ao ser referido como “recado para ninguém”. Por um lado, a ausência de repercussão do texto pode ser associada ao período politicamente conturbado em que foi escrito, logo após o AI-5¹¹. Por outro, tal ausência também reflete o anonimato da literatura de mulheres que, durante muito tempo, não teve a visibilidade necessária para dar o seu recado. Em *Para um rei surdo* (1973), o poema de mesmo nome retoma esse desconforto e expressa o sentimento de impotência do sujeito diante da impermeabilidade de um rei surdo ao seu apelo:

Sem enredo, nem rédeas
respirando seu susto
– foi jogado no circo
– entre leões astutos.

As patadas dadas
por fastio e vício
fizeram da culpa
o melhor dos ofícios.

¹¹ O AI-5 (Ato Institucional número 5) foi o quinto decreto emitido pelo governo militar brasileiro (1964-1985). É considerado o mais duro golpe na democracia e deu poderes quase absolutos ao regime militar.

No caos do sarcasmo
(ou sarcófago) o homem
é apenas o seu pânico
seu pranto mecânico.

Quando nada mais resta
do ser triturado
lhe voltam as vestes
lhe dão os sapatos.

Como narrar ao rei
surdo, a verdade
do que ocorre
no mundo?

O texto representa as assimetrias das relações de poder, principalmente em contextos em que a repressão e a violência se fazem presentes, remetendo à experiência de Lara de Lemos nos cárceres da ditadura brasileira.¹² A falta de enredo e rédeas apontada no poema evidencia a fragilidade do homem frente aos aparelhos de censura. Sem a possibilidade de contar a própria história e sem poder de decisão sobre sua vida, resta-lhe apenas assumir a culpa como o “melhor dos ofícios” naquele momento.

Na trilha da poesia comprometida com o seu tempo, a escritora tece ligações significativas com textos da tradição, dialogando com a mitologia e com autores da literatura brasileira e mundial. Além de produzir bons frutos, essa interlocução revela uma intenção de inserção na cultura, através da problematização de questões humanas de todos os tempos. Em “Jardim inútil”, do livro *PalavrAvara* (1986), a epígrafe de João Cabral de Melo Neto, “... uma pedra de nascença entranha a alma”, aponta a afinidade da autora com o projeto do poeta nordestino, caracterizado pela ruptura com a lírica voltada unicamente para o eu:

Cultivo pedras
num jardim oculto
onde nada medra

¹² Lara de Lemos foi presa duas vezes na década de 1970, em decorrência de sua participação em um grupo de poesia concreta e na ocasião em que procurava por um de seus filhos desaparecidos.

nem hera, nem amor
nem musgo.

Escondo
no contorno polido
do seixo a vida
que pulsa no âmago
de tudo.

Nesse poema, Lara de Lemos busca a expressão de uma forma contundente, utilizando a metáfora da pedra como elemento onde se situa a vida. A intertextualidade com João Cabral de Melo Neto também pode ser observada em poemas de cunho social, como “Cantilena Nordestina”, em que a oralidade da cultura brasileira serve de veículo para a denúncia:

Um dois
canga no lombo
carga de boi

Três quatro
quatro meninos
no quadro do quarto.

Cinco seis
na cova a miséria
cem anjos fez

Sete oito
nem pão nem farinha
café sem biscoito

Oito nove
nem verde nem planta
a chuva não chove.

Nove dez
ninguém se incomoda
pobre tu és.

Em consonância com poetas que fizeram do ofício poético tema de criação, como Mario Quintana de quem foi amiga e colega no Jornal Correio do Povo, Lara de Lemos identifica o poder de regeneração constante da palavra. Em “Palavravara”, poema que dá título ao livro do qual faz parte, a escritora revela sua concepção de palavra como feixe de possibilidades, usando a figura da Hidra, um monstro que renasce de si mesmo eternamente, para representá-la:

Palavra é hidra
palavra é arma
depende da forma
com que é armada.
Pode ser escura
pode ser clara
pode ser fúria
pode ser aura
pode ser textura
de outra palavra
pode ser ternura
não revelada.
No cofre da alma
a palavra é amarga
lavra o que agrava
e a si mesmo salva.
No cofre da fala
a palavra
é árdua
corta o que sobra
é palavrAvara.

Em *Águas da memória* (1990), obra em que Lara de Lemos se volta para o tempo numa perspectiva intimista e sensorial, observa-se uma mudança no que se refere ao significado atribuído à palavra poética. “Poesia” traz a imagem de uma flor que está no limiar entre a vida e a morte para representar o ofício poético:

Flor colhida
em pura sorte,
nos abismos
onde reside a vida
e a morte.

Em um movimento de retorno ao passado e à tonalidade dos primeiros poemas, a poesia é entendida como produto da sorte, sendo colhida em um *locus* primordial. Ainda que a ideia de transcendência da matéria poética seja reiterada em *Nas águas da memória*, essa concepção não descarta a consciência da autora de que o poema é antes de tudo construção, como se observa em “Dos andaimes do verso”, de *Dividendos do tempo* (1995):

Os andaimes do verso
permanecem escondidos
em lajes de basalto
em pedras de granito.

O verso se constrói
na forja das palavras
no encontro dos fonemas
no jogo das metáforas

no sinal das sinédoques
no conluio das consoantes
nas sílabas da métrica
nas rimas toantes.

Na cadência do ritmo
no imagismo da antítese
no duplo dístico
no teor dos tercetos.

Mais trama do que lágrima
poema é estratégia.

Por meio de uma poesia pensada como estratégia, Lara de Lemos dá forma estética à experiência da prisão especialmente em *Adaga lavrada* (1981)

e em *Inventário do medo* (1997). O texto que abre a segunda parte de *Adaga lavrada*, “Périplo”, aponta a insegurança sentida:

A rota é insegura.
Abandonei lenho e
bússola.
Guio-me pelo medo.

A concisão do poema sugere a redução da existência ao sentimento do medo. O resultado, antevisto no título, remete a uma viagem em que se retorna ao ponto de origem, ou seja, uma trajetória em que todas as lutas e resistências mostram-se inócuas. Em “Degredo”, ao se olhar no espelho, o eu lírico reconhece apenas a marca amarga no rosto:

Em lugar de documentos
deixaram-me a marca
amarga no rosto.

Nela me reconheço
a cada dia.

Única identidade
a que pertenço
inteira.

São dezesseis anos que separam as publicações de *Adaga lavrada* e *Inventário do medo*. Neste último, a escritora faz alusões e referências diretas à sua traumática experiência durante as décadas de chumbo. No poema “Da resistência”, o eu poético afirma não querer “palavras débeis” para falar do combate:

Cantarei versos de pedras.

Não quero palavras débeis
para falar do combate.
Só peço palavras duras,
uma linguagem que queime.

Pretendo a verdade pura:
a faca que dilacere,
o tiro que nos perfure,
o raio que nos arrase.

Prefiro o punhal ou foice
às palavras arredias.
Não darei a outra face.

Os “versos de pedras” servem como registro e denúncia de um tempo que não pode ser apagado da memória. No intuito de “não dar a outra face”, a escritora rememora fatos que, indo além da experiência pessoal, remetem a uma situação coletiva, vivida por aqueles que representavam ameaça à ordem instituída por suas ideias ou ações. A representação do drama coletivo da tortura pode ser observada em “Celas – 6”:

A hora dos
capuzes negros
é a hora mais negra
dos prisioneiros.

Descer às cegas
pelas escadas
apalpando paredes
adivinhandando fissuras

pisando superfícies
escorregadias
de sangue
e urina.

Às cegas.

Na última parte do livro, intitulada “Reminiscências”, o poema “*Para que no haya olvido*”, escrito em espanhol, projeta as reflexões sobre a ditadura para além das fronteiras do Brasil, reafirmando o papel do poema para a memória de um tempo compartilhado por toda a América Latina:

Tiempo sumidero.
El poema chispea
breve relámpago
en las tinieblas.

Árduo intento
de retener por milenios
el pájaro en su último
vuelo.

Relâmpago nas trevas, a imagem poética consagra o instante¹³ e o singulariza como testemunho. A poesia multifacetada de Lara de Lemos é um exemplo singular na literatura brasileira de testemunho profundamente enraizado em seu contexto e compromissado com a memória social. Através de um alto nível de elaboração estética, a autora pensa sobre o homem no mundo, situando-o entre os acontecimentos históricos, sociais e políticos do seu tempo.

Em “Da gula do tempo”, de *Passo em falso* (2006), seu último livro, a autora reitera a ideia de que o poema é uma forma de permanência:

Há na gula do tempo tanta fome
que devora dias, horas, anos,
milênios, tempos incontáveis
sem repouso, sem dó de seu nome.

Sei que morrem estrelas nessa lei
que leva minhas vísceras, meus ossos,
em lágrimas de dores que calei.
Sofrer é sina, fado, é fardo nosso.

Antes que chegue a hora minha
só o poema será desta aventura
que nos joga sozinhos no vazio.

De súbito anoitece e apaga
nossa vida em tempo certo.

¹³ PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Na aventura de viver a poesia como um ofício, segundo confidencia em entrevista¹⁴, Lara de Lemos não cede às palavras arredias e nos oferece uma percepção profunda e aguçada da realidade, que deve permanecer viva na memória das novas gerações. Com esse intuito, sua poesia foi reunida aqui neste **Lara de Lemos – Poesia completa**.

Cinara Ferreira

¹⁴ Em entrevista concedida em 14 de janeiro de 2009.

LARA DE LEMOS

SÍNTESE BIOBIBLIOGRÁFICA

Lara Cibelli de Lemos nasceu em 22 de julho de 1925, em Porto Alegre/RS, e foi criada pela avó materna em Caxias do Sul/RS, tendo ficado órfã, de pai e de mãe, aos cinco anos de idade. Segundo a própria escritora, isso contribuiu para que fosse para a escola e cedo começasse a escrever poemas nas paredes de seu quarto.¹

Formada em História, Geografia, Pedagogia, Jornalismo e Direito, Lara de Lemos fez especialização em Literatura Inglesa e Contemporânea, pela Southern Methodist University, nos Estados Unidos. Com uma ampla formação acadêmica, destacou-se no cenário gaúcho e carioca pela sua atuação como professora, tradutora, poeta e jornalista.

Quando cursava História e Geografia, pela PUCRS, Lara de Lemos conheceu o então futuro advogado e político Ajadil de Lemos, com quem casou e teve três filhos: Adail Ivan, Wanda e Paulo Cesar. Mais tarde, adotou Eloí Flores da Silva, a quem considera seu quarto filho. Desquitou-se em 1959, casando-se pela segunda vez em 1966, com o jornalista e publicitário Mario de Almeida, com o qual permaneceu até 1976.²

Apassionada pelo meio jornalístico, a autora colaborou com periódicos gaúchos, como *Correio do Povo* e *Zero Hora*, e cariocas, como *Jornal do Brasil* e *Tribuna da Imprensa*. Colaborou ainda com a *Revista Diadorim*, de Minas Gerais, e com a revista *Colóquio-Letras*, de Lisboa. Lara de Lemos foi professora de História Geral, do Quadro Único do Magistério Público Estadual do RS e funcionária do Ministério da Educação e da Cultura, atuando em diferentes funções como, por exemplo, coordenadora da Seção de Estudos de Relatórios Anuais de Estabelecimentos de Ensino Secundário, funcionária do Departamento de Assuntos Universitários e técnica em Assuntos Educacionais, no Rio de Janeiro/RJ.

A autora viveu em Porto Alegre/RS até 1964, ano em que se mudou para o Rio de Janeiro/RJ, com os filhos. Nos anos de 1970, foi membro do Conselho Editorial da Editora Expressão e Cultura e professora assistente de Economia

¹ Conforme entrevista concedida no Rio de Janeiro, em 14 de janeiro de 2009.

² Conforme estudo biográfico do IEL (LARA DE LEMOS, 1987, p. 10).

Política da Faculdade Cândido Mendes. Com sua aposentadoria, em 1978, passou a morar em um sítio em Nova Friburgo/RJ.

Embora Lara de Lemos tenha se dedicado mais à poesia, sua produção literária inicia-se pela prosa. Ela estreia na literatura com a publicação de dois contos na *Revista do Globo*³: “Homem no bar” e “Mulher só”, em 1955. Em 1962, com mais oito escritores, publica quatro contos na coletânea *Nove do sul*: “Um ser delicado”, “Em meio da noite”, “Viagem” e “D. Eufrásia”. Entre os escritores que participam desse livro, estão Josué Guimarães, Moacyr Scliar e Tânia Faillace.

Os textos publicados inicialmente em jornais são reunidos, em 1963, na obra *Histórias sem amanhã*. Pelo seu conteúdo intimista, esses textos podem ser considerados crônicas subjetivas⁴. Alguns desses relatos abordam diretamente a opressão feminina e o anseio de emancipação, sendo nítida a oposição entre os desejos íntimos da mulher e a sua vida exterior, ainda presa a condicionamentos da sociedade de base patriarcal. Entretanto, na maior parte dos textos, a autora analisa o descompasso vivenciado pelo ser humano, seja homem ou mulher, jovem ou idoso, problematizando a condição humana como um todo.

Na poesia, sua estreia foi com o livro *Poço das águas vivas* (1957), pelo qual recebeu o Prêmio Sagol. Trata-se de uma obra com foco na subjetividade, conscientemente voltada para o eu. Sobre esse livro, Lara de Lemos afirma: “havia uma necessidade muito grande de me saber e de me compreender. É um livro lírico. Eu ainda não estava voltada para o mundo. É interessante como toda a mulher que escreve, começa se indagando” (LARA DE LEMOS, 1987, p. 6).

O seu segundo livro, *Canto breve* (1962), dirige um olhar ao social, mas guarda a perspectiva da experiência pessoal da autora. Sua obra constitui-se ainda dos seguintes títulos: *Aura amara* (1969), ganhador do Prêmio Jorge de Lima, do Instituto Nacional do Livro; *Para um rei surdo* (1973); *Amálgama* (1974), que reúne poemas dos livros de poesia anteriores; *Adaga lavrada* (1981); *Palavravara* (1986), *Haikais* (1989), edição da autora, com ilustrações de Mario Wagner; *Águas da memória* (1990), Prêmio Nacional de Poesia “Menotti del Picchia”; *Dividendos do tempo* (1995), Prêmio Açorianos de Literatura: melhor livro de Poesia; *Inventário do medo* (1997); *Lara de Lemos: antologia poética* (2002), Prêmio Açorianos de Literatura, categoria melhor livro de poesia; *Passo em falso* (2006). No ano de 1985, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre concedeu-lhe o Diploma de Mérito Cultural pelo conjunto de sua obra e, em 1997, a autora

³ A *Revista do Globo* foi um periódico editado quinzenalmente pela Livraria do Globo, em Porto Alegre/RS, entre 1929 e 1967.

⁴ Apesar de terem sido escritas para o jornal, as crônicas de Lara de Lemos podem ser denominadas de crônicas subjetivas, gênero desenvolvido por Clarice Lispector.

recebeu o Diploma de Personalidade Cultural, da União Brasileira de Escritores.

Lara de Lemos participou também de antologias, entre as quais *Poetas do Modernismo* (1972), *Palavra de mulher* (1979), *Carne viva* (1984), primeira antologia brasileira de poemas eróticos, *Poetas da Terra* (1986) e *Antologia da poesia brasileira contemporânea* (1986), publicação conjunta da Imprensa Nacional e Casa da Moeda, de Lisboa, Portugal.

Além de ter sua obra reconhecida por importantes críticos literários, como Guilhermino Cesar, Maria da Glória Bordini, Gilberto Mendonça Telles e Paulo Rónai, Lara de Lemos ganhou notoriedade ao compor, com Paulo César Pereio, em 1961, o Hino da Legalidade, para o movimento popular pela posse de João Goulart. Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, solicitou esse hino ao grupo de artistas que frequentava uma oficina no Teatro de Equipe, que atraiu muita gente que era a favor da legalidade.⁵ Nessa época, conforme Almeida e Guimaraens (2003), Lara de Lemos participou do Comitê de Resistência Democrática dos Intelectuais, que se reunia na sede do Teatro de Equipe, em Porto Alegre, entre o final da década de 1950 e início da década de 1960.

Escritora em sintonia com o seu tempo, Lara de Lemos sempre revelou um olhar agudo para os problemas sociais do contexto histórico em que escreveu, colocando-se enquanto sujeito crítico em sua literatura. Seu posicionamento, no entanto, a expôs à mira da repressão durante o período da ditadura militar brasileira, tendo sido presa duas vezes na década de 1970, o que a levou a interromper a carreira jornalística. Também seu primeiro marido foi preso e, posteriormente, seus dois filhos.

Quando questionada pelo motivo de sua primeira prisão, a autora afirma que participava, no Rio de Janeiro, “de um grupo de escritores que se dedicava a escrever, não contra, mas numa posição oposta aos políticos. Esse grupo todo foi preso e eu fui junto.” A outra prisão ocorreu em uma de suas buscas aos filhos presos, também no Rio de Janeiro.⁶

Lara de Lemos faleceu na cidade do Rio de Janeiro/RJ em 12 de outubro de 2010. Transcorridos 50 anos de produção literária de alto valor estético, a autora aponta o ofício poético como um destino: “Quando eu escolho uma carreira, eu escolho uma vida. Se eu escolher ser padre, eu estou escolhendo uma vida. Agora, a poesia não é assim. Você não sabe por que ela vem, nem por que ela vai embora. (...)Eu fui professora por escolha, mas fui poeta por destino.”⁷

⁵ Conforme depoimento de Lara de Lemos, em “Os ângulos da Legalidade por quem estava lá.” Disponível em: http://www.clicrbs.com.br/especiais/diversos/popup_legalidade_middle_depoimentos.htm

⁶ Idem.

⁷ Conforme entrevista concedida no Rio de Janeiro, em 14 de janeiro de 2009.

PRÊMIOS

1958 – Prêmio Estadual de Poesia (SAGOL) para livro inédito, RS (*Poço das águas vivas*).

1968 – Prêmio Nacional “Jorge de Lima” para poesia inédita (INL), RJ (*Aura amara*, 1968).

1985 – Diploma de Mérito Cultural da Prefeitura de Porto Alegre, RS (Conjunto da Obra).

1990 – Prêmio Nacional de Poesia “Menotti del Picchia”, Itapira, SP (*Águas da memória*, 1990).

1996 – Prêmio Açorianos de Literatura: Melhor Livro de Poesias, Porto Alegre, RS (*Dividendos do tempo*, 1995).

1997 – Diploma de Personalidade Cultural, União Brasileira de Escritores.

2003 – Prêmio Açorianos de Literatura: Poesia, Porto Alegre, RS (*Antologia poética*, 2002).



POÇO DAS ÁGUAS VIVAS (1957)

Ser poeta não é ambição minha.
É a minha maneira de estar sozinho.



POEMA[1]

Para isso vim...

Não, não foi para isso que cheguei.

Vim para dar-te o pássaro, inédito de voos,
que há em mim.

Vim para secar o pranto
desse alguém que não és, mas que sonhei.

Vim para ver-te como queria que fosses
– tão indizível em mim. Tão indizível!

Vim para o refúgio da noite
e o doloroso presságio das manhãs.

Vim – campo, rosa, nuvem, pedra,
rio adormecido, luz.

Para isso vim e perdi-me.

[1] Poema também publicado em *Amálgama*, em 1974.

CRINA BRANCA

Aos meus filhos Adail Ivan e Paulo César

O menino queria o cavalo,
o cavalo era a dor escondida,
seu galopar por outros mundos,
sua única coisa impossível.
Tudo o que havia conseguido
ficava triste, estagnado, pobre,
sem o cavalo.

Tinha o barco, os peixes,
as histórias do avô e a garça.
Mas o cavalo, o cavalo sim.
– Nuvem branca correndo,
som de clarim guerreiro,
bandeira, vento, batalha –
e os dois, menino e cavalo,
inatingíveis às balas, às flechas,
à dor, à morte.

Os grandes não entendiam.
Só queriam do cavalo
o que é vão e dolorido,
trabalho, obscuridade.
Era um inútil clamor
pedindo por coisas grandes.

E foi preciso fugir,
ser preso, fugir de novo.
Tantas vezes sofrimento.
Os homens não entendiam,
não podiam crer em nada.
Eram só homens pequenos
– ilhas despidas dos sonhos –
que eles, menino e cavalo,
por certo não careciam.

Abraçados, quase pássaros,
galopavam pelo mar
e mergulharam na espuma
em busca do adivinhado.

BALADA AO MENINO DOENTE

Menino, menino triste,
menino para embalar.

Pudesse eu, agorinha,
trocava meu corpo são
e ficava com o teu
todo de febre e torpor.

Ficava com as tuas noites,
noites longas, sem sossego,
ficava com o teu choro,
ficava com a tua dor.

Por um minuto que fosse
traria o retorno bom
ao embalo da tua rede
à tua espada de flor.

Serei em breve a esquecida
que um dia (quando é que foi?)
passou pela tua vida
sem nada te poder dar.

Teu anjo cruzou as asas
porque não podes brincar.

DIFÍCIL

Primeiro dei a violeta
flor esquiva, vergonhosa.

Você me pediu a rosa.

Miúda mas verdadeira
dei então rosa de cheiro.

Você enjoou ligeiro.

Ainda dei o tomilho,
a ervilha, o amor-perfeito.

E você não tomou jeito.

Depois a flor da saudade
o mal-me-quer e o açafraão.

Você queria o limão.

Espinho em dor florescido
meu coração lhe ofertou.

Você não viu. Nem olhou.

Por fim o alecrim rasteiro,
simplinho, jeito de casa.

Você então... criou asa.

SONETO

Repouso ainda sobre teu ombro
(faz tanto tempo que já não sei).
Embalo um pouco meu abandono
nessas memórias de era-uma-vez.

Goradas mãos. Não são as minhas.
(Foram somente de acariciar.)
Breves momentos tão de doçura
reconstruídos em lágrima e sal.

Por que me perco no medo inútil
dessa ferida do nunca-mais?
Nada recolho na ausência pura.

Tudo perdido em redemoinho,
a que me resta já não sou eu,
fui uma lenda de tua ternura.

UM NOME

Teu nome é mágico,
surge num voo.
Milagre breve
nesse silêncio.

Canção antiga
com que eu embalo
o desencanto
que sempre sou.

Promessa vaga
de alguma coisa
que não sei bem.
(Quase infinita.)

Teu nome é mágico.
Detém a morte
do perecível
faz uma estrela.

E estrela fico
(Dura tão pouco!)
Em vaga espera
do que não vem.

POEMAZINHO DO NÃO

Quis guardar o bom das fadas,
cavalinho folgazão
boneca-primeira-filha,
leve rodar de pião.
Não pude. Não pude não.

Quis guardar banco de escola,
laço de fita comprido,
segredo de breves seios,
verso de amor escondido.
Não pude. Não pude não.

Quis guardar vestido branco,
sino de igreja cantando,
laranjeira perfumada,
corpo de submissão.
Não pude. Não pude não.

Quis guardar não mais a rosa,
não o barco, nem a espuma,
nem presença, nem memória,
ficar só, na solidão.
Não pude. Não pude não.

POEMA À AMIGA LUÍSA

Quando te fores, Luísa,
já não seremos “as três”.

Partirás com teu destino,
as vestes brancas de noiva
e as negras noites por dentro.
Partirás com teu silêncio,
silêncio de um vasto mundo
indevassável, só teu.
Serás talvez possuída,
amada. Fecundarás.
Teu corpo, teu corpo apenas,
terás dado. Nada mais.
Teus desesperos profundos
ainda serão só teus.
Teu tédio pesado e nulo
ainda te habitará.
Teus vagos sonhos perdidos
estarão na tua tristeza.
Tua alma, fuga essencial,
nunca tu poderás dar.
Talvez te salve a criança,
seu riso branco... talvez.

Quando te fores, Luísa,
ainda seremos três.

DEPOIS QUE MORREM OS DIAS

Pudesse dar-me!
Viver em ti como tu mesmo.
Querer-te em lua e sol e orvalho e
terra,
ser-te cascata e fonte
e leito ao fim do dia.
Mas, bem sabes,
as sombras cobrem tudo
os olhos, a alma, os corpos, os abraços.

As tristezas vêm de longe
não são algemas de agora.
São coisas assim
como crianças mortas
enterradas em nós há longo tempo.
O passado é intransponível, amor,
é raiz que nos prende a solo estranho
e nos rouba o que fomos.

E o que posso fazer senão perder-te
ou perder-me em angústias sendo tua?
É tão pouco o que te dou
querendo dar-te tanto!
Bem sei que esperas.
Bem sei que anseias mundos de
ternura
e queres cores, sons e mel
nos lábios secos.

Por isso escondo no negro da distância
o remorso de ter as mãos vazias.

IMPACIÊNCIA[2]

Por que me pedis novos rumos?

Tenho-me para chorar
e não vos posso dizer palavras fáceis.
Sei apenas morrer estendida na noite
ou dar-me como pão ou como peixe
para a vossa tristeza.

O mais não me pertence

EU ME QUERIA MORTA

Eu me queria morta.
Sepultada ao lado de um velho cipreste
ou de um álamo antigo.

No cimo mais alto tendo tudo à dis-
tância.
A cidade, o riozinho, a casa, o jardim,
o que amei pela vida.

Tão morta, que as memórias não
pudessem voltar,
os remorsos não pesassem de novo
e não me sufocassem mais as alegrias.

Tão completamente morta
que nem mesmo a tua voz, a tua
presença, tu
alterasses o plácido sono.

[2] Poema também publicado em *Amálgama*,
em 1974.

CRIANÇA[3]

A Wanda Maria

Que cor terão os teus olhos,
mistura de céu e mar?
Azuis ou verdes, que importa?
Não sei a cor da pureza.

De que foi feita tua boca
– seria rosa ou coral?
Ignoro a substância
da simples sinceridade.

Tuas mãos – pequenos lírios,
pássaros brancos voando
em inquietas sugestões –
é tudo que nos ampara.

És suave como a nuvem,
irrequieta como o vento,
mistério como o infinito,
milagre como a poesia.

Que idade terás, criança?
Talvez a idade do mundo.

PRISIONEIRA

As nuvens passam mudas.
Tudo se apazigua na tarde morna e
lenta.
A alma limitada pelas grades do tempo
sonha com o infinito.

PASSEIO

Estradas entrecruzadas,
campos, mares, céus e rios,
se perde nosso destino
na rede de tantos fios.

Sobreviventes de sonhos,
nesse mar de puro sal,
buscamos a sempre estrela
do claro amor integral.

Das brancas praias do nada
só queremos o horizonte.
O tempo sem transigências
põe rugas na nossa fronte.

O certo do breve enigma,
nesse passeio sem norte
é ancorar, ao fim do dia,
no quieto porto da morte.

[3] Poema também publicado em *Amálgama*,
em 1974.

SILÊNCIO

Devolve-me as horas vividas,
irrecuperavelmente belas.

Leva-me bem longe das inúteis palavras,
dessas vozes confusas.
Leva-me para as horas de amor.
Quero voar infinitos contigo!
Dá-me, outra vez, os olhos de menina,
esquecidos no tumulto dos dias,
e as noites graves comovidas da adolescência,
cheias de corpos e de lágrimas.

Mais que de carne, ossos, nervos,
de anseio de amor fomos feitos
e tudo o que buscamos pelo mundo
imenso
são piedosos lenços
para o nosso pranto.

Quero-te puro, espesso, desmedido.
Penetra-me fundo, silêncio,
e me torna na quietude estática e
repousante
das coisas inanimadas.

AOS IRMÃOS ADIVINHADOS

Sepultada viva na imensa cidade.
Sepultada viva na igualdade dos dias,
na igualdade das noites.
Sem nada mais para ver,
nada mais para sentir.

Sepultada viva com meus loucos
sonhos,
meus inúteis anseios,
meus poemas estéreis.

Sepultada viva no pequenino
quadro do cotidiano
vedando –
todos os caminhos imaginados,
todas as libertadoras amplidões,
todos os inatingidos horizontes.

E sentir que vivemos a despeito de
tudo,
que o sangue corre e pulsa nas veias,
que a carne grita em dolorosos espasmos,
que a alma sofre inadiáveis desesperos.

E sabermos de outros sepultados,
de outros famintos,
de outros desencontrados
que estão à nossa espera...

INAUDÍVEL

Por que me dói tão fundo esse amor?
Por que insone na noite de mistérios
a memória se transforma em látego,
em culpa, em prece inútil?

Sei que posso amar além das estrelas,
além da vida, além da morte, além...
E isso fechado em mim, intransmis-
sível,
me sacode em soluços.
Sei que poderia dar infinitos
se pudesse falar,
mas fico, promessa irrevelada,
escondida em mim mesma.

O coração é uma ânsia
fechada em paredes de músculos.
O corpo fremente – a dádiva perdida.

Por que não cessa a prisão?

Quero vencer o abismo de silêncios,
que me separam de ti.
Sei que os voos terminam em lugar
inóspito e solitário.
Sigo para lá como um destino.

QUANDO UM DIA

Quando um dia,
submersos no tempo,
nos buscarmos em antigas memórias,

quando formos outros,
sós, irremediáveis,
à procura de nós em velhos fragmen-
tos,

quero a tristeza suave,
a ternura das horas não vividas.
Esse vago temor de pertencer.
O mistério que mora em cada gesto.

Fique tudo impreciso
sem arroubos nem mágoas,
sem cansaços e adeuses.

Como se houvesse amanhã,
quero poder guardar.

MEMÓRIA[4]

Envolver-me em tessituras de tênue
constrangimento
embalada em velhas cantigas de
serenar.

Deslumbramentos, velhas dores de
infância
ressurgem em lenta reconstrução.

As coisas passadas – ecos perdidos do
que fomos –
ressoam como intuídos punhais.

Cristalizado no tempo –
o perdido das horas não vividas.

No sangue – a busca inútil,
a espera inútil, a vida inútil.

Indefesa dou-me às lágrimas
e o mistério torna-se mais e mais
imensurável.

BASTAR-ME-IA UM LÍRIO[5]

Bastar-me-ia um lírio
nascido em qualquer parte, vívido,
tocável,
para que eu acreditasse na pureza.

Bastar-me-ia um pássaro,
um só pássaro neste céu de inverno,
para que eu me fizesse alegria.

Bastar-me-ia um simples gesto,
um tímido aceno à distância,
para que eu me devolvesse à amizade.

Bastar-me-ia uma presença,
uma única presença ávida, sentida,
para que eu me desse ao amor.

Mas hoje, nem lírio, nem pássaro,
nem aceno, nem ninguém.
Só eu mesma, refratária, árida, indolor.

MENSAGEM[6]

Vou escrever a mensagem na areia
e mandá-la ao sopro do vento.
Sei que o tempo a silenciará.
Que importa?
Vou escrever a mensagem na areia.

[4] Poema também publicado em *Amálgama*,
em 1974.

[5] Versão publicada em *Amálgama*, em 1974.

[6] Poema também publicado em *Amálgama*,
em 1974.

ENCONTRO

Sinto em meu ser transitório
o apelo de tua presença amiga.
Deixa que eu me torne em mistério!

Sei que o poema com gosto de infinito
não tocará meus lábios.
Sei que a loucura que devasta o humano
me deixará incólume.

Sou apenas um esboço de trôpegos
anseios.
Apenas um corpo vazio boiando no
escuro.
Uma dor milenar e indevassável.
Um grito que não precisa ser ouvido.

Todos os prováveis caminhos
se confundem na minha frente.
Nenhum aceno feliz à distância.
Nenhum.

Deves possuir-me.

Em troca de tua saciadora paz
nada trouxe que perdure,
mas vivi, ternamente, a tua espera.

CANÇÃO DE MEDO NA TARDE

Deter o tempo, detê-lo
que a noite vem e não tarda.
No mistério me procuro
e a luz da estrela me apaga.

Voltar, voltar para trás
em retalhos de passado.
Reter os risos num voo,
os beijos, os namorados.

Perco meus olhos no espelho
querendo guardar os traços
o vidro se parte à toa
estou feita mil pedaços.

Deter o tempo quem pode?
A noite vem e não tarda.
Sem luz o céu é mais triste,
que faço em meio da estrada?

APELO[7]

Vem. Dá-me um minuto cheio.
Um momento que não seja
sobra de hora,
silêncio de água parada,
inumanas máquinas
rancores.

Um instante roubado
às crianças sozinhas,
às confusas bengalas dos cegos,
a todos os mortos em nós.

Vem com esse gosto de infância,
olhos postos no longe,
pássaro em espanto,
campo chovido,
sol em promessa.

Rompe as velhas algemas.
Quero o momento da entrega irrestrita
Um fugitivo instante de esquecimento.

CARTA IMPOSSÍVEL

A Carlos Drummond de Andrade

Quisera fazer alguma coisa verdadeira
hoje,
simples e verdadeira como a tua
poesia.
(Ando tão cansada de mentiras!)

Exemplo:

Escrever uma carta sem endereço
e ficar esperando indefinidamente a
resposta.

Na carta, eu diria da minha vontade
de morrer
e do amor desmesurado que tenho
pela vida,
o que seria contraditório, mas, verda-
deiro.

Falaria da pureza que ninguém vê
e da sordidez que às vezes sou e todos
acentuam,

embora ambas sejam verdadeiras.

Diria do amor – o que dizem ter por
mim

e o que pretendo sentir, ambos falsos,
mas tão necessários como se fossem
verdadeiros.

Contaria da solidão incurável

e do conseqüente excesso de amizades.

Da inveja que tenho do fatalíssimo
busto de Leda,

do meu insopitável desejo de ser baila-
rina de circo

e da ternura comovida que sinto por
todos os Antônios.

De todas as negações que acumulo
e me fazem parecer tão afirmada.

[7] Versão publicada em *Amálgama*, em 1974.
A primeira versão aparece com o título de
“Apelo ao refratário instante” em *Poço das águas
vivas* (1957).

Diria ainda coisas mais simples e
menos patéticas,
como a presença dos anúncios coti-
dianos
das crianças crescendo e das manhãs
de sol.

Mesmo assim, amigo,
a carta gratuita, com seus ridículos
tópicos,
seria apenas uma pequena parcela
da nossa precária verdade.

RESTITUIÇÃO

Hoje não direi não.

A rosa do câncer,
a chaga ou o vírus
que hão de levar-me
podem estar em mim
sem que o pressinta.
Pode ser amanhã.

Hoje não direi não
à vida que reclama em meu redor.
Tantas vezes a perdi!...
Tantas vezes deixei
que passasse por mim desatendida.

Quero restituir-me as coisas todas.
Hoje ainda posso amar.

QUERO-ME INTEIRA

Ah! Que terrível mutilação
esse ter que nos dar assim
todos os dias!

Dar-nos aos pedaços
– um pouco a um,
um pouco a outro,
sem que fique nada
de verdadeiramente nosso
em nós.

Pertencermos
aos que nos afagam por hábito,
aos que nos possuem com os olhos,
aos que nos esperam sensatos,
aos que nos amam doidos
e, afinal, aos que nos querem
como nós não somos.

Quero-me eu,
completa, autêntica, cheia de aban-
dono
pertencendo-me sem nenhuma cle-
mência
para com a alheia expectativa.

Eu, para dar-me ou negar-me
sem explicações, falsos pudores
ou inúteis justificativas.

Não é o melhor nem o mais fácil
o que peço.
Quero-me para rir ou chorar
para viver ou morrer. Inteira.

POEMA QUASE CARTA

Quero ir... mas não.
Deixo-me ficar mais só
que um veleiro náufrago
batendo cego sobre rochas.

Rodeio-me de pequenos hábitos,
de falsas alegrias,
de memorizadas preces
e sobretudo, de momentos vazios.
Uma pureza ardente me consome.
Ofereço-me ao imensurável do pas-
sado
e reencontro-me na intimidade das
coisas
mais simples: água no copo, batida de
horas,
botão descosido, número de telefone,
retratos.
Olhos escorrendo
sobre a promessa dos corpos.

Sei que outros virão. E ainda outros.
Mas o meu, de espera e pranto pos-
suído
onde findará em sua contínua busca?
Incompleta, abraçada em fundas
tristezas
refugio-me na secreta paz da noite.

.....

.....

É inútil que vá.
Desejo com a tranquilidade simples
dos que não mais esperam
e possuir-te assim em dor de ausência
é tudo o que me resta.

POEMA DO NÃO-AMOR

Somos apenas espelho.
Amam em nós o reflexo.

O que veem
é sempre a vida carente e incompleta,
é o mesmo anseio triste de pureza,
o impossível de nos situarmos na
culpa,
a nossa ingratidão de asas em fuga.

A verdade é sempre o que calamos.
Esses loucos abismos e infinitos
que não podemos dar.

Somados,
ainda seríamos dor necessária,
ainda seríamos carência e busca,
cansaço de ser acenando milagres
e sempre solidão.

Terna piedade por tuas próprias
lágrimas
é o que chamas amor.

POEMA DO AMOR INÚTIL[8]

*Porque nada te poderei dar senão
a mágoa de me veres eternamente
exausto.*

Vinicius de Moraes

Dispo-me das tristes experiências,
de velhas e incômodas memórias
e retorno à menina que fui,
restaurada dos mínimos detalhes.

Liberta de remorsos
me abandono na carícia
simples, humilde,
única.

De uma leveza de espuma
levo-me por vários mares,
deito contigo na areia
e te afago em claros risos.

Mas sei... quando vieres
terei apenas o que acumulei no tempo:
– a carne triste,
e esse medroso silêncio.

DO SONHO NECESSÁRIO

Leva-me longe sonho.
Ainda que estéril e improficuo,
leva-me longe.
Dá-me cores de aurora em plena noite.
Gosto de rosas no amargor das coisas.

FUGA

Transformei-me em prece,
ser buscando,
coisa inconsolada.

Liberto-me de tristes apelos.
Nego-me às falsas alegrias.
Aposso-me de todas as culpas.

Sou abandono, aguda ferida,
desértica paisagem. Sede.
Reta unida ao Infinito.

O momento-relâmpago diluirá breve.
Mas este é o momento do chamado
e – eu – uma angustiada ausência.

Sou indizível.

Destruo-me, perco-me,
submerjo no Ser e, inexistente,
prossigo.

[8] Versão publicada em *Amálgama*, em 1974.

DA IMPOSSÍVEL SERENIDADE[9]

*Que coisa é o homem para o engrandeceres
e por que se ocupa dele Teu coração?
Tu o visitas pela manhã e de repente o pões à
prova.
Até quando não permitirás que eu respire?*

Livro de Jó, 15-30.

Poder olhar a todos tranquilamente...
Olhar como se fossem apenas outras
pessoas,
como se não fossem parte de nós
mesmos.

Apagar a memória das coisas.

Ouvir palavras como se fossem – sons
Música como se fosse – notas
Silêncio como se fosse – paz.

Poder não ferir se nos ferem
e feridos não necessitarmos
abraçar ainda.

Poder negar-nos sem violência.
Querer sem desespero,
Irmo-nos seguros.

Saber de ti,
de mim, de todos
e continuar vivendo.

DEPOIS

Não lamentem que eu vá.
Nem dourem minha ausência
com falsas esperanças.

Não é a renúncia de um momento,
é a entrega submissa a uma hora
esperada.

Abdicar. Desfazer-nos de nós no mais
profundo.

Retornarmos à estrela solitária
na humildade de um gesto de aban-
dono.

Ficarmos alguma coisa para crer...
Um sofrimento para ser amado...
Magia de ausência e luz em cada dia...
Quem não teria sonhado?

O mais alto porém,
é aceitarmos tranquilos a sentença
de sermos pela morte
– Espaço em branco.

[9] Versão publicada em *Amálgama*, em 1974.

POEMA DO INSOLÚVEL[10]

Vimos para morrer, amigo.

Fugazes que somos
mais que a nuvem ou o vento,
mais que a folha ou a sombra,
nada podemos dar que nos pertença
nem reter o voo transitório.

Vimos para morrer, amigo.

E o que nos angustia
é a sabermos implícita, no âmago de
tudo.

Vê-la na face lívida dos pobres,
nos olhos dos que passam apressados,
sob o riso branco das crianças
ou mesmo, no mais alto do amor.

Vimos para morrer, amigo.

E se crês que te podes salvar
e se alguma coisa ainda te parece
válida ou sublime,
não me perguntes nada
que eu nada saberia responder.

Vimos para morrer.

OS MÁGICOS

Para aquele
foi calor e vida.
(Ah! menina endiabrada!)

Outro veio
e a chamou de Maria.
(Foi suave mansidão)

Um terceiro
viu nela mulher apenas.
(Consumiu-se de desejos)

Outro ainda
quis captar o profundo.
(Pôs asas a seu redor)

Eram mágicos. Passaram.
Ela de pássaro e flor,
promessa e onda de mar

virou pessoa outra vez.
Mulher igualzinha às outras.
Nem dona – Lili de tal.

[10] Versão publicada em *Amálgama*, em 1974.
A primeira versão leva o título de “Poema
insolúvel”.

INVERNO

Tristeza da chuva,
de árvores sem folhas,
de tempo sem memória.

Tristeza de não querer ir mais à parte
alguma,
do Nada habitando a coisa nenhuma
que somos.

Que fazer das horas que nos deram de
presente?
Dos nossos pensamentos sempre
vindos de outrem?
Das nossas descobertas carcomidas de
tempo?

Somos apenas isto:
homens e mulheres
vindos sem razão,
existindo por autopiedade,
destinados a um fim sem alternativa.

Tão infinitamente pequenos
como julgamos os outros.
Tão sem finalidade
como os que virão depois de nós.

NA IMENSA NOITE

(Poema em dois tempos)

Não. Não é o apelo dos velhos cami-
nhos.
São os adivinhados acenando promes-
sas.

O segredo das coisas me habita em
angústia.
Faz-se horror em meus olhos
o imenso da noite.

Tento descobrir no fundo de mim
mesma
irrevelados mistérios
e o momento fica na carne – chama e
espinho.

Inexplicável luz rouba o encanto,
revelando objetos
em tranquila oferta.

Vazia de silêncios,
igual na cadeia dos dias,
prossigo – fácil no riso.

CANÇÃO HUMILDE[11]

Nessa vida toda tua
eu sei que não há lugar.

Eu sei que estou excluída.
Ah! seu eu pudesse ficar!...

Prometo: seria nuvem,
apenas nuvem no ar...

Seria brisa suave...

Seria flor de um momento.
Espuma branca de mar.

Perfume vago, discreto...

Suave canção noturna
para teu sono embalar.

Seria... seria nada.
Queria apenas ficar.

NAMORADA

Quero possuir-te estrela.
A despeito do infindável dos espaços,
dos limites estritos do impossível
quero possuir-te estrela.
... E sei que és minha.

FIQUEI NA DISTÂNCIA DE TUDO

Fiquei na distância de tudo,
sem a complicação das horas, dos
desencontros
e dos números.
Poderei possuir a qualquer tempo
teu riso tranquilo,
teus olhos cismarentos,
e aquele jeito vago de querer bem.
A voz não se perde mais
no fio do telefone,
e a espera é mais calma,
porque sei que não vens.
É ainda
o vestido que gostavas o que ponho.
Às vezes tenho vontade de gritar teu
nome
ou, quem sabe, o nome de alguém
que me tenha amado verdadeiramente.
(Ah! se se pudesse ter certeza!)
Alguém,
não descanso como tu,
não silêncio como tu,
não ausência como tu,
Alguém que pudesse devolver ao meu
corpo
a alegria das coisas vivas,
ou, ao menos, fizesse voltar aos meus
olhos
as imagens perdidas de mim mesma.

[11] Poema também publicado em *Amálgama*,
em 1974.

POEMA AO HOMEM PASSANDO

Poderia afagar teu cansaço
homem triste que passas.
Acompanhar-te pelas ruas do tempo
povoar de anseios tuas noites vazias.

Inutilmente transbordo de ternura!

Mas o amor que me pedes
é o que destrói o eterno
e pesa como culpa.
Cresce na obstinação da posse,
obsessiona como infindável muro.

Quero-me livre e só.
Refúgio como fronde de árvore antiga,
fiel a mim mesma
como velhas paredes
que guardam um halo de memória.

Não posso me recusar à serenidade
dos mortos para si mesmos.
Quero apenas a dádiva da paz
e o abrigo final na própria solidão.

CANÇÃO DO “ERA UMA VEZ”

Cansada de andar ao longe,
aborrecida de estrelas,
do branco afago das nuvens,
do Nada nas minhas mãos,

quis ver a rosa do abismo,
sondar o escuro de perto,
provar o gosto da terra,
pisar as pedras do chão.

De conchas me engalanei,
algas verdes me vestiram
em doce e grave mistério,
do corpo fiz sensação.

Minhas asas não sei mais,
minhas fugas esqueci.
Despi-me. Fiquei sozinha,
perdida no imenso vão.

O POETA RESPONDE À VIDA

Pelos caminhos afora
há braços a te chamar.
Por que não respondes nada
nesse teu vago cismar?

– O vento me amordaçou...

Uma ciranda de estrelas
convida sempre a brincar.
Os pés descalços na areia,
o amor a te acenar.

– Há muito que já passou...

Sei de terras, sei de rios,
caminhos que dão no mar,
do país Do-muito-longe
que andas louca a procurar.

– É sempre tão alto o céu!...

Guardo comigo mistérios
que posso te revelar.
O distante é sempre apelo,
queres partir ou ficar?

– A vida é dizer adeus...

JÁ PASSEI POR MIL ESTRADAS

Já passei por mil estradas
por inéditos caminhos,
subi monte, desci vale
em busca do meu destino.

Guardei tesouros infindos
– será para quem amares –
Trouxe estrelas do infinito
conchas de todos os mares.

As paisagens mais serenas,
melodias nunca ouvidas,
os mais queridos poemas
guardei para quem buscava.

Mas de tanto andar sozinha,
Fiquei muda, fiquei triste,
perdi todos os tesouros
e já nada mais existe.

E agora que te descubro
nada tenho para dar.
Trago minhas mãos vazias
e o desencanto no olhar.

MENININHO INVÁLIDO[12]

Por que puseram chumbo
nas asas leves do pássaro?
Por que roubaram seu voo,
seu canto despretenso?

Longe do céu
sem canto e sem asas,
que faz o pequeno pássaro
no mundo?

LADAINHA A NOSSA SENHORA DA TIMIDEZ[13]

O caminho é longo e áspero
Em sombras me esconderei.

Senhora de altos andrajos
De nuvens me vestirei.

No alto há lindas paisagens
Que nunca contemplarei.

O triste da meninice
Em versos transformarei.

N'algum lugar solitário
Os segredos guardarei.

Por indecifráveis mundos
Meu corpo diluirei.

Na longa noite do tempo
Me apagarei.

[12] Poema também publicado em *Amálgama*, em 1974.

[13] Poema também publicado em *Amálgama*, em 1974.

DO MOMENTO
INTRANSPONÍVEL[14]

O medo desvia o olhar
criando poços de espanto.
O silêncio diz do amor
só no mistério do pranto.

Carícias imprevisíveis
crescem na ponta dos dedos
e se transformam bem logo
em dolorosos segredos.

Os corpos buscam o encontro
pelos caminhos antigos,
na quietude da paisagem
o beijo ficou perdido.

Entre nós montes infindos,
vidraças intransponíveis,
do outro lado do mundo
podíamos ser felizes.

POEMA PARA A
AUSENTE[15]

Estiveste sempre ausente.
Meus sete anos procuravam teu rosto
nas poças d'água
e meus dedos adivinhavam
como seria teu cabelo.

Todos te sabiam exatamente.
A tia, nas roupas de outrora.
A avó, na terrível lembrança
que lhe havia branqueado a cabeça.

Para mim eras apenas
o vazio

Abraçada ao mistério
da pesada infância,
te guardei em sombras.
Rodeei tua ausência
de irrespondíveis perguntas.
E, isso que sou,
tão busca, tão fragmento,
é o que te ficou na dura terra.

[14] Versão também publicada em *Amálgama*,
em 1974.

[15] Versão publicada em *Amálgama*, em 1974.